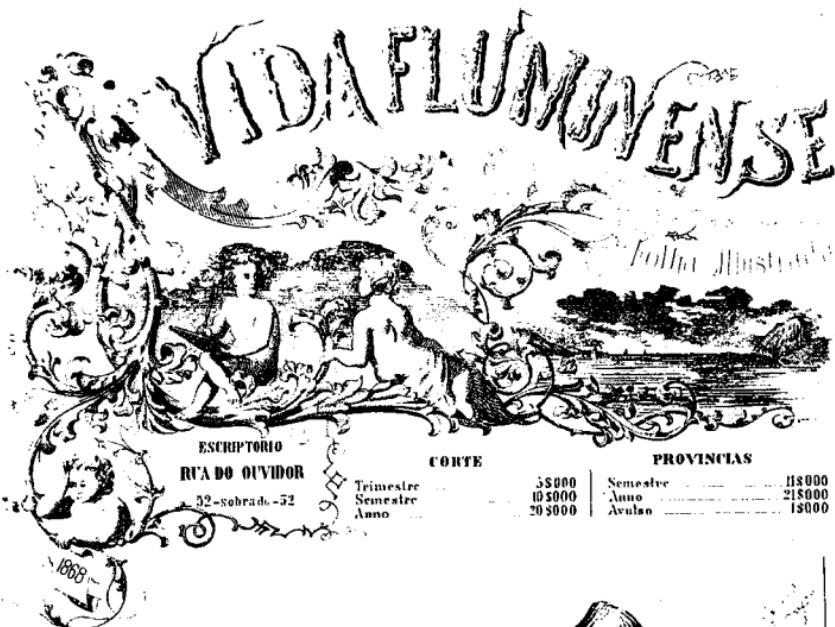


ANNO 4

SABADO 15 DE ABRIL DE 1871

N 172



*"Viu sete vozes a procissão . . . .  
Mas ficou estafado!"*

## A VIDA FLUMINENSE

RIO, 8 DE ABRIL DE 1871.

Consta-me que o pseudo redactor do *Courrier de Rio de Janeiro* respondeu ante-hontem ao pequeno artigo que no sahido passado escrevi, repelindo sua arrisada contra o chefe da nação.

Digo — consta-me — porque não sendo assignante dessa folha, nem frequentau lo casa alguma em que elle seja recebida, só podia saber-o por ouvir dizer.

E, na verdade, disse-lhe-me que o Sr. Carlos Berry, pseudo redactor francez, como a raposa de que fala Lafontaine,

*Tint à peu près ce language*

em seu numero de 12 do corrente:

— Que pena!

— Pensei que A. de C. tinha espirito; a leitura porém de seu ultimo numero veio convencer-me do contrario!

Foi uma decepcion, uma terrível decepcion, porque o Sr. Berry passou por meu respeito!

Pensei durante tantos annos [S. S. hude lembrar-se que me conhece... de vista e de leitura ha uns bons pares de annos] que eu era dotado de espirito fino, e de repente, ussim, sem mais tir-lhe nem guar-te, como n'uma pega d'truç, vêr mudar-se a scena a meu respeito, vêr-me transformado, do escriptor ameno e faceto [como S. S. me julgava] em escrivinhador pensado, desconexo seno a menor vislumbre de xiste [como me julga hoje] é cruel, cruel, cruel!

Portém quem o mandou fazer juizos precipitados sobre minhas habilitações literarias, sobre a agudeza de meu espirito?

Toucou a nuvem por Juno; é bem feito!

Mas se o Sr. Carlos Berry enganou-se tanto a meu respeito, o mesmo não me succedeu a respeito do Sr. Berry.

Desde o principio considerei-o um rosiado *Gavroche* jornalistico, trefego, desabaudado, inconsequente, não como todos os *Gavroches* havidos e por haver.

Desde o principio comprehendi logo que S. S. comprazia-se só em dar assuadas nos transseuntes *bien mis* e atirar pedras ás vidraças das casas *plus comme il faut*.

Desde principio vi que S. S., tendo nascido assim, assim havia de morrer.

E, mercê de Deus, não me enganei. Em vez de mudar de opinião, fui, pelo contrario, cada vez robustecendo-me mais na que tinha.

\*\*

Devo aqui uma explicação. Ahí vai ella.

Nas linhas supra mimoseei o Sr. Berry com o epitheto do — pseudo redactor.

Passo a dizer o porque.

No tempo em que se imprimiu o *Ba-ta-clan* tive occasião de verificar que as melhores produções do Sr.

Berry eram escriptas por Commerson, redactor do *Tintamurra*.

O Sr. Berry dava-se aponys ao trabalho de mudar os nomes proprios e de illuminar o final do artigo com sua phosphorecent assinatura.

Redacção de tescoura!

Agora, para encher as columnas do *Courrier de Rio de Janeiro*, que fax elle?

Agarrar outra vez na tescoura, esquartuja a *Gironde*, *Independance Belge* ou qualquer outra folha escripta em francez, e com esses retalhos, que tem todo o cuidado de declarar de onde são extrahidos, vai fingindo que redige o seu jornal.

Pseudo redactor.

\*\*

Para provar que o Sr. Berry procede sempre como um *Gavroche* em seus actos jornalisticos, bastará contar uma anecdota, bastante velha, mas que caracteriza perfeitamente o verdadeiro *gamin* do Paris.

No meio de uma das praças da grande cidade estava um menino de treze para quatorze annos, lavado em lagrimas.

Um homem idoso, que passou, compadecedo-se da pobre crianc, perguntou-lhe com bonhomia:

— Que tens?

— Hil Hil Hil

— Suspende um pouco o pranto, meu filho, e conta-me porque te affliges tanto. Que desgraça te assaltou?

— Sou muito infeliz, meu senhor!

— Porque?

— Estou ralado pela fome e não teubho um soldo se quer para comprar pão!

Só por isso te affliges assim? Anda; toma esta moeda. Com ella poderás haver o pão preciso para hoje e para amanhã.

O *gamin* olhou com irreduldade para as mãos do seu benfeitor, vio o dinheir, arrelatou-o com petulancia, afastou-se rindo como um perdid, e quando se achou a incia duzia de passos de distancia pregou uma tremenda vala no pobre velho:

— Cahio-na esparrela! Cahio! Hade ser por força algum provinciano ainda muito polludo! Fóra o tolo! Fóra!

O Berry-Gavroche do *Courrier de Rio de Janeiro* fez o mesmo.

Pox-se a chorar na praça publica de sua folha, pedindo um auxilio para as victimas francezas da guerra napoleo-guilhermeana, e, apenas vio-nos realizar as primeiras remessas de numerario, deu uma gargalhada e arremessou nos um punhado de lama!

\*\*

Disse ha oito dias, e folgo de repatil-o, que o Sr. Carlos Berry não representa a opinião da colonia francesa no Rio de Janeiro.

Mas sendo ella bastante numerosa, porque tem tão poucas assinaturas o protesto?

Ninguem estranhará, por certo, que logo depois de ocupar-me com a folha do Sr. Berry, diga algumas palavras sobre os judeus que se costumam publicar nos sabbados de Alleluia.

É tão natural a associação de ideias!

Asseguram-me que venderam-se este anno nas ruas da capital (*coram polícia por conseqüente*) nada menos de vinte e dous desses libellos diffamatórios!

Andar assim!

E ainda se acha que vivemos muito soperdos por um ferrenho poder pessoal!

Haverá entretanto no mundo, república *de facto* como seja esta terra?

Haverá república no mundo em que se gose maior liberdade de pensamento e de ação?

Em que uma folha diária acuse tão sem rebuço de stellionários e ladrões os mais altos funcionários públicos!

Em que se ataque tão de frente o chefe da Nação?

Em que se arraste pelas sargentas das ruas mais imundas os caracteres mais respeitáveis, em que se atassalhe as reputações mais ilibadas?

Em que se publiquem n'um dia vinte dous papeluchos prenhes de insultos dirigidos a mocas das primeiras famílias, cujos nomes vem declinados por extenso?

Em que se veja no logar mais publico uma casa, tendo na fachada uma taboleta com estas palavras anti-monárquicas:—Club Republicano?

Em todos as monarquias, mesmo nas em que ha menos poder pessoal, os republicanos trabalham á sorrelha, solapam em segredo o trono; não se apresentam nunca á escancara.

Em todas as monarquias, mesmo nas em que o povo gosa maior cópia de liberdades, punem-se os desregimentos de linguagem.

No Brasil tolera-se tudo, tudo, tudo!

Tolerava-se até o que é desoso nas alcunhadas repúlicas das duas Américas.

E ainda acham que é pouco!

E' sempre a mesma fabula das rãs, pedindo novo rei!

Com a devida venia transcrevo em seguida um trecho da conceituada *Gazetilha do Jornal do Comércio*, de 11 do corrente, sobre a representação do drama *Theresa ou a orphâ de Gensbra*, pela companhia da Phenix Dramática.

E faça-o por dous motivos:

O primeiro, é não poder deixar de dar conta nesta chronica de um sucesso artístico tão importante.

O segundo, é não ter recebido o costumado artigo de D. Funes e concordar *in toto* com a opinião do ilustrado redactor do *Jornal do Comércio*, sobre

o desempenho do papel de *Theresa* pela distinta e nriosa actriz Ismenia.

Ahi vai o alludido trecho:

O publico vendo-a e ouvindo-a não comprehende a situação, e como que se espanta de tão subita como inexplicável resolução de assumir a responsabilidade de um crime alheio. Entretanto *Theresa* não deveria como que exultar, mas lamentar-se, e declarando-se assassina confessar-se apenas causa indirecta e involuntaria da morte da sua bemfeitora.

No Gymnasio ensaiava-se com affinco "A Historia de um pataco."

Será o tal pataco a que se referio D. Funes no sabbado passado?

O Vasques vai fazer beneficio por todo este mez.

Quem quizer conseguir um bilhete de cadeira hâde dirigir-lhe um requerimento com todas as formalidades do estylo, e com o competente sello adhesivo de..... cinco mil réis.

E quanto antes, quando não, com a procura que ha...

Depois não venham dizer-me que não os avisei!

#### Movimento teatral:

Joaquim Augusto e Rosina lá se foram para São Paulo.

Amoêdo entrou para a Phenix.

Isabel Porto retira-se por algum tempo do theatro. Ismenia está com um pé na Phenix e o outro em S. Luiz.

Eugenia Camara *idem, eadem, idem* no S. Pedro e na Phenix.

A. de C.

#### Assunto de varias ôres

O Sr. Salvador Senior e a legitimidade da sua mercadoria.—Luiz Guimaraes Junior e as procissões.—O collegio de Mine. Jenny Amaraal.—Fallecidos dos liceos em geral, e do boficio do Roger em particular.—A recepção que tentou fazer-se a Rossi.—O club Mozart.

Dispunha-me a fumar um excellente *havana*, de que o Sr. Salvador Senior, estabelecido à rua do Ouvidor n.º 45, me fizera presente para mostrar-me a legitimidade da sua mercadoria, quando me veio as mãos o *Diário do Rio* de domingo passado, onde, no logar reservado aos primorosos folhetins de Luiz Guimaraes Junior, deparei com os periodos, que em seguida transcrevo.

"Prohibe-se o theatro e não se prohibem as procissões. Se o theatro offendê os homens, as procissões offendem a Deus!"

"Não se diz mais em scena do que se faz nas ruas

A VIDA FLUMINENSE



O, é mulher? parece-me que agora é melhor irmos  
para casa.  
Bem... ainda temos três igrejas para visitar.

## Visitacões.



*Senhá não fôr visitar as igrejas... por sentir muitas dores na cabeça.*



*Em quanto os amigos visitavam as igrejas, os creados visitavam a telepensa.*



*Os gatunos aproveitam também a ocasião para visitar as casas.*



*Cuidos, mais devotô, visitam as igrejas e os bodes das ficas ao mesmo tempo.*

publicas por onde atravessa o lugubre cortejo do entero do Creador!

“ A lógica obriga a muita cousa: ser lógico, é ser verdadeiro, e a verdade mathematica, que vale um axioma, significa o seguinte:—2 e 2 são quatro.

“ ora, mathematicamente, tanto o theatro como as procissões devem ser proibidas.

“ Que importa que sobre as taboas de um palco Margarida Gautier ostente as suas perfidas gulas, quando Maria Duplessis patentea com a maior impudicacia o seu aspecto voluptuoso permite a effigie sacrossanta de Christo?

“ Nas plateas e nos camarotes, ningnem se atropella e ningnem se insulta. Se tal acontecesse perderia um bocadinho a moral humana. Enquanto percorrem as procissões, na hora solene em que o cadaver divino do divino Cordeiro ilumina as ruas, nada muda nas evoluções e nas maquinâncias da existencia ordinaria; parece até que o escândalo mostra o que pôde e da o que lhe pede a occasião.

“ ora, isso, com franqueza, e sem ultramontanismo, é não só offendrer a sociedade dos homens como ludibriar a creatura divina.

“ Para que, pois, fechar o theatro onde representam vinte a trinta criaturas, para deixar à vontade o palco em que desde a criança até o homem, desde o homem até o ancião, todos dão o seu obúlio de mal e de injuria legalizada?

“ A religião é santa, e a pessoa soberana de Christo está envolta em tais admiráveis e escusos misterios que fôr melhor deixá-lo no seu nicho, reflecta de fulgures incompreensíveis, do que expô-lo no olhar bocal de uns e no malício pauorâma que outros abrem em face do ideal victimâ.

“ Não se acredita em Deus? Não se crê na Paixão? Nem na hostia inimaculada? Pois bem, que o culto religioso se encerre nos tabernaculos intimos da igreja. Expor os mais notaveis misterios da *Scriptura* aos motejos e [o que é pior] à indifferença do vulgo é por assim dizer abrir um palacio de penas e nuvens a um rebanho tumultuoso de ovelhas desgarradas.

“ Sejamos lógicos, que é a grande vantagem da bussola do espírito humano: apontemos para o Norte.

“ Fechem-se todos os theatros enquanto a compaixão a generosidade do coração humano representam a tragedia indivisível.

“ Ordem do poder competente para cerrarem-se as portas dos theatros. Muito bem.

“ Mas, como appendice a tal ordem, não seria fôr de propósito acrescentar o seguinte:

“ Não sahâr mais nenhuma procissão enquanto estiverem fechados os theatros.

“ Christo agradecerá mais a supressão do scenario do sua morte do que a representação da *Mogadinho de Val-flor* e do *Diabo atrás da porta*.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Se a imprensa toda possasse d'esta fôrma, o culto divino ficaria limitado à Igreja, como o que muito lúcraria a nossa religião.

Folgo sempre de indicar ao leitor toda e qualquer causa de educação, que disponha de professores habilidos, e atende, tanto quanto é possível atender-se, ao bem estar phisico e moral de seus pensionistas.

O collegio estabelecido na rua do Rio Comprido, sol a int'ligeante direcção de M.<sup>o</sup> Jenny Amaral, ruivo em alta escala as condições supracitadas. Optimas professoras, salubre e agradável localidade, educação esmerada, procurando antes persuadir pelos modos carinhosos que o vencer pelo castigo a má vontade das alumnas, alimentação sadi e abundante; eis o programma do collegio de M.<sup>o</sup> Amaral, que é hoje tido no numero dos melhores d'esta corte,

\* \* \*

Os theatros reabrirão as portas, e o publico sequioso de espectaculos, acudir pressuroso no reclamo dos empregos.

No Gymnasio, gracas no panorama da cidade do Porto, belo e artisticamente pintado pelo scenografo Valle, tem havido enchentes sucessivas e uma azáfama na aquisição dos bilhetes d'ingresso, que tem elevado *este genero* a cotâes quasi fabulosas.

No S. Luiz acontece outro tanto sempre que Emilia Adelindo toma parte no espectaculo.

Na Phenix continua o *Orphé de Genebra* a meter um conto de réis por noute na algibeira do seu feliz tutor, o Sr. Heller.

No Alcazar não faltam novidades.

Além da *reprise* da *Princesse de Trebizonde*, opera muito sabor dos *habitus* e que oferece a Rozier e M.<sup>o</sup> Delmary vasto campo para a manifestação de seus recursos artisticos; temos na segunda-feira proxima o beneficio do intelligente actor Roger, que tem sabido adquirir geraes sympathies, pelo modo conscientioso porque dá conta dos papéis que lhe são destinados. E' enchente certa. O publico aprecia devâmo o *famigerado diplomata* do *Canard à trois becs*, e hâde forçosamente correr a ocupar todos os lugares do theatro frances, na noute do seu beneficio.

\* \* \*

Para terminar:

— A' hora em que escrevo, espera-se ansiosamente o celebre Rossi, a quem os italiani aqui residentes preparam uma recepção esplêndida.

— O Club Mozart dá na proxima semana o concerto que devia ter lugar hontem à noute. E' variadissimo o programma d'essa festa musical, da qual espero ocupar-me detidamente no sabbado proximo.

A. da A.

—4-63392-5-2

Ernesto Rossi.

HSBOÇO BIOGRAPHICO.

(Continuação.)

Para recitar as tragedias de Shakespeare era preciso crear uma escola, de que os italiani não tinham o menor conhecimento, e lutar fortemente com os habitos do publico, que, embora sequiosos de novidades,

nem sempre aceita as que não tem a magia de encobriá-la desde logo os sentidos.

Força é dizer-o: a Itália, no princípio, olhou atónita para o *Hamlet*, *Lear*, *Macbeth*, *Othelo* e *Coriolano*, sem compreender-lhes as bellezas.

O trabalho artístico do nosso herói despertava sempre frenético entusiasmo; mas o espetro de *Hamlet*, as procissões fúnebres, e os cemitérios repletos de ossadas humanas inspiravam certa repugnância, que o público só podia vencer ao cabo de algumas inezes de indiferença.

Ao passo que os verdadeiros cultores do *bello*, embora poucos, aplaudiam as tentativas de Rossi aconselhando-o a prosseguir n'um campo que forçosamente elle deveria mais tarde a aureolar glória, que hoje o circunda; os invejosos, os incrédulos e essa maioria do público, mais propensa às grandes situações dramáticas do que às bellezas do diálogo, moldando pelas leis da literatura severa, proclamavam alto e bom som *bien c'est meglio che il Rossi ritornasse alle cose di prima e lasciasse questi drammari spettacolosi che non son fatti per noi*.

Pouco a pouco, porém, os homens para quem a ilustração não era completa cíninga, começaram a notar que o *bello* não era de fácil compreensão, e que as bellezas da literatura transcendental só podiam ser aquilatadas apoiadas cuidadosa leitura no gabinete, e repetidas audícões no teatro.

A atenção crassia, pois, de dia para dia; a discussão iniciava-se brilhante e animada; a imprensa auxiliava os esforços de Ernesto Rossi, apreciando à luz da verdade e da razão as suas subtilíssimas concepções do ponto inglês e o modo porque o nosso herói soubera dar-lhe vida, e embora, os pessimistas continuassem a traçar os ares com as suas ironias-disparatadas, o *Hamlet*, o *Othelo* e o *Coriolano*, tão friamente recebidos nas primeiras exibições, recebiam a final a sancção gloriosa, a que tinham direito.

Rossi venceu; a tragédia tornara-se moda em Itália, e o público prodigalizava finalmente ao poeta inglês ovacões iguas às que sempre dispensara ao ator italiano.

(Continua).

A. DE A.

(Imitado do italiano).

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

### O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND AHOUR.

CAPÍTULO IV.

(Continua).

Ao entrar em seu quarto, de Marsal tirou do fundo de seu baluço celebre par de pistolas, para substituir por novas as antigas capotetas, que já estavam verdes de oxirubrave. Depois esgraviou a espada, a qual para sua irmã o deitou-se não conseguindo, consolar a senhora.

Daniel dormiu como Alexandre no grande Combé, na esperança de vencer, e celebre par de pistolas seu serão presentados por ninguém.

O Sr. de Marsal atraído pela janelha dentro do quarto do portelão

Ninguém deixou de comparecer no lugarez à hora aprazada. A casa da camara de Montevideo é um edifício novo, construído no meio dos campos, a alguns passos da avenida. As testemunhas despediram seus carros e todos se encaminharam a pé na direção das janelas suas. Na frente ia Daniel com seus amigos.

— Como estás tranquillo? disse-lhe em caminho o pintor.

— Estou tranquillo porque tenho esperança de que nos haveremos de bater à espada.

Mas é a sorte que há de decidir a escolha das armas, por isso...

— Se ella designar a pistola (atalhou o escultor) não respondo palas armas de espadas. Vou com certeza meu antagonista!

— Entretanto não é nula sua razão. De espada em punho não tenho o menor recio que aíl me ofenda e posso pegar-a. Nunca duvidei à pistola, nem em o caso mudou muito de figura: quem põeia o competidor, arrisca-se a morrer.

— Eu sou seu próprio interessado nesse que prefira a espada. Neste momento dizia o Sr. Lérambert ao Sr. de Marsal:

— Insiste em não te bateres à espada?

— Insiste.

— Se preferes a pistola é porque sem dúvida atiras perfeitamente cesa armas.

Vassourin...

— Ah! Estão tanta certeza que o escultor também...

— Quanto Daniel em vinte tiros acerta dezenove.

— Preciso...

— Deixei-lhe o parco lucro e que convém fazer.

— Deveriam todos em uma excavação na rocha, tendo quarenta pés de comprimento sobre vinte de largura, enjô solo era tão liso como o de uma sala d'ármas.

Para proceder-se à escolha das armas, o Sr. Lérambert atirou ao ar uma moeda de vinte francos. Foi ajuste prévio feito, a cesa indicação, de que o vencedor, a quem o artista vence, é o enredo para cima — o duelo devia praticar-se à distância.

Faltava, portanto, apenas fixar a distância e medir o terreno.

As quatro testemunhas já não se sentiam tão animadas pelo amor próprio como na véspera, quando discutiam as condições a seguir ao duelo. O Sr. Lérambert tinha a voz pressa na garganta. As outras três observavam o silêncio.

Colocaram-se a quarenta passos (disse Daniel a seus amigos) e fizeram com que elle atirasse primeiro. Se errar o alvo, em tandem fará com que molha haja passo, num braço por cima da sua cabeça.

Depois de um breve colóquio com o Sr. de Marsal, o Sr. Lérambert quis apresentar a Daniel a seguinte proposta:

— Muito bem, disse o Sr. de Marsal. Vou com o Sr. Fort e com o Sr. Lérambert.

— Porque é que o Sr. de Marsal deseja bater-se, acrescentou o Sr. Lérambert.

— Não! Não o conseguiremos! baderam as testemunhas de artista.

— Então o duelo é impossível (disseram com visível satisfação o Sr. Fort e o Sr. Lérambert).

— Pois, sim! disse Daniel. Vou com o Sr. de Marsal. É isso como querem.

Não temo sêde de sangue de ninguém e estou pronto a perdoar ao capitão as amabilidades que me d'rigiu.

— Posso repetir suas palavras no Sr. de Marsal?

— Repita, Repita.

Violaram-se os passos do capitão, o parlamentarista disse-lhe:

— O homem chega-se à luta; está resolvido a suportar o que se passa. Pediremos, portanto, cons deitar a causa nela suspenso.

— Ah! Ah! (poderia o Sr. de Marsal muito an-ho) Assim são todos os valentes espaldachins! Recham timoros apavorados na sua medo de encarar as probabilidades. Tenha a bondade de pegar-nos ao Sr. Daniel que desculpa quer dizer, para que eu esqueça com grosseria.

O Sr. Lérambert tornou a atravessar o terreno neutro, que separava os dois campões inimigos e disse ao artista:

— O Sr. de Marsal envio com prazer suas palavras, e espera que o capitão possa dispensar-lhe mais outra prova de cortesia perdendo-lhe perda de.

Daniel não quis ouvir o resto. Com voz ativa replicou logo:

— Não costumo pedir perdão a ninguém, muito menos de pessoas que me insultam. Queria descarregar uma das pistolas!

— Aqui não gosto pará que se possa admitir. As garras de minho devem durar pouco e esta já se val dentro minuto longa.

As testemunhas do escultor procuraram acalmar o; foi tudo em vão.

(Continua.)

A VIDA FLUMINENSE



Então o Rev. de prega que não era prego em decora de dar agua a meus  
frequentes para fizer hotel de Judas na seu espetáculo de processão.  
Mais do que isso me dão o Ton, Furtado, Heller e Guimaraes  
quando precisam de compassas.